

**DICAS DE  
ESCRITA**

PARA

*Professores  
Autores*

**PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**

Michel Temer (interino)

**MINISTRO DA EDUCAÇÃO**

José Mendonça Bezerra Filho

**PRESIDENTE DA CAPES**

Carlos Afonso Nobre

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**

**REITOR**

Paulo Afonso Burmann

**VICE-REITOR**

Paulo Bayard Dias Gonçalves

**NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL**

**DIRETOR DO NTE**

Paulo Roberto Colusso

**COORDENADOR UAB**

Reisoli Bender Filho

**COORDENADOR ADJUNTO UAB**

Paulo Roberto Colusso

**ELABORAÇÃO DO CONTEÚDO**

Camila Marchesan Cargnelutti

Felipe Freitag

**REVISÃO PEDAGÓGICA**

Jéssica Colpo Bortolazzo

Magda Schmidt

**REVISÃO LINGUÍSTICA**

Camila Marchesan Cargnelutti

Felipe Freitag

**EQUIPE DE DESIGN**

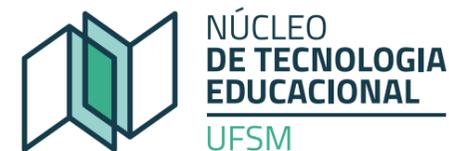
Carlo Pozzobon de Moraes

Ana Letícia Oliveira do Amaral

Matheus Tanuri Pasotini



Ministério da  
**Educação**



# Apresentação

Essas dicas de escrita foram elaboradas pelo setor de revisão linguística instrucional da Equipe Multidisciplinar (UAB/UFMS) do Núcleo de Tecnologia Educacional da Universidade Federal de Santa Maria como maneira de auxiliar professores-autores na melhoria de seus textos didáticos (elas podem ser lidas e utilizadas, também, por qualquer pessoa que tiver interesse em capacitar sua escrita, como, por exemplo, professores e alunos de outras instituições de ensino superior).

Os dez itens elencados abaixo foram selecionados a partir da verificação das principais carências linguísticas presentes em uma gama de materiais didáticos revisados pelo setor em questão ao longo dos últimos meses. Em cada item serão propostos exercícios simplificados para treinar o conteúdo de cada dica.

**Boa leitura e bom aprendizado a todos!**



## LEITOR IDEAL (PÚBLICO-ALVO)

O primeiro elemento a ser considerado no momento de escrever um texto ou um material didático (no caso de professores-autores) é o público-alvo a que se dirige. O leitor ideal, apesar de ser uma projeção, uma virtualidade, pois não sabemos, muitas vezes, quem (identidade, conhecimento linguístico, conhecimento teórico-conceitual, conhecimento de mundo etc), de fato, lerá o nosso texto, ou o nosso material, é uma realidade no sentido de que temos uma visão global a quem se destinará o que escrevemos.

Ao escrever, portanto, devemos selecionar a maneira de exposição do conteúdo de acordo com o que acreditamos ser o mais próximo do ideal da identidade de nossos leitores. Por exemplo, ao obtermos a informação de que determinado material será escrito tendo como público-alvo outros professores-autores, o autor já pode ter uma ideia, mesmo que limitada, do uso linguístico a ser selecionado (nem simples demais, nem complexo demais, afinal, geralmente, esses professores são mestres e/ou doutores e, acredita-se, portanto, que dominam a norma culta da língua), de como expor conceitos (se o material será distribuído a professores de outras áreas do conhecimento que não a do autor do texto, esse deve sempre deixar claro todo e qualquer conceito específico de sua área), de como dirigir-se ao leitor (demonstrar conhecimento da língua e do assunto da área como modo de creditar sua autoridade como autor) etc. Ao escrever, então, aconselhamos que pense no seu leitor ideal (público-alvo), avisando isso aos revisores linguísticos do seu material, pois tal informação os auxiliará a sugerir modificações textuais adequadas à demanda dos que lerão, idealmente, o texto.

 Tente elencar alguns termos linguísticos mais próximos possíveis do leitor ideal (público-alvo) adolescentes do século XXI moradores da periferia de um grande centro urbano.

# PENSAMENTO E ESCRITA

O pensamento como intermediário entre a linguagem e o real é produzido não totalmente dentro de uma lógica da normatividade da língua, ou seja, o pensamento apresenta-se difuso, sem uma ordenação totalmente organizada, apesar de ser constituído pela linguagem. Muitas vezes, costumamos dizer que “não conseguimos colocar nossas ideias no papel” para nos referir à dificuldade de transpor o pensamento para a escrita. Essa dificuldade está, também, relacionada a esse conteúdo desordenado que é a linguagem no pensamento, ou, em suma, o pensamento composto pela linguagem no cérebro. Um ponto importante para transpor o pensamento para a escrita é “aceitar” a desordem das ideias do pensamento, de modo a esquematizá-las (fazer esquemas escritos), descrevendo-as, discriminando-as e classificando-as, para, posteriormente, ter um plano de pré-escrita que auxiliará bastante na primeira escrita de um texto.

A ideia “as artes” pode ir sendo classificada através de restrições desse núcleo inicial de significação. Assim, teríamos:



Tente fazer um esquema escrito da ideia “as ciências” como um exercício para o item 2 dessa material de apoio.

# Gramaticalidade E INTELIGIBILIDADE

Para expressar os pensamentos na escrita, é necessário combinações da língua, isto é, uma ordenação lógica prescrita não apenas pela racionalização dos elementos difusos do pensamento, mas, sobretudo, pelas normas da língua. Assim, existem limites impostos pela língua para a expressão dos pensamentos. Esses limites exigem um grau mínimo de gramaticalidade e de inteligibilidade. Frases ou orações já são um dos limites da língua para a expressão dos pensamentos, pois elas são concatenações de elementos da língua em uma ordem lógica que leve ao entendimento do pensamento, ou da ideia contida nelas. Desse modo, a gramaticalidade da língua diz respeito entre a articulação sintática (a ordem dos elementos gramaticais da língua na formação de uma oração) para dar a articulação semântica (a significação específica dos elementos da língua na oração que levam ao sentido geral da oração). Não há como desvincular gramaticalidade de inteligibilidade da língua, vejamos:

**Ex1:** *Incolores ideias verdes dormem furiosamente.* (há gramaticalidade, mas as interpretações são possíveis, pois estão no plano do metafórico; assim, pode ser uma oração não inteligível para certo leitor).

**Ex2:** *Amanhã de manhã pegarei o bombeiros.* (há gramaticalidade, mas a inteligibilidade não depende somente da articulação entre sintaxe e semântica, pois existe um dado contextual para a interpretação da oração; a oração é ambígua).

**Ex3:** *De maus tranquilos se nunca instintos os jovens sentem.* (não há gramaticalidade, nem inteligibilidade, pois não há articulação alguma na sintaxe que possa determinar a sua significação).

## FALTA DE INTELIGIBILIDADE

“Caracol é uma solidão que anda na parede”  
MANOEL DE BARROS

## É GRAMATICAL E MEIO INTELIGÍVEL

Adoro o velho guerreiro.

## AGRAMATICAL E INTELIGÍVEL

Filhos cozinho sem sozinho.



Tente reagrupar a frase do exemplo número três de modo que ela se torne gramatical e inteligível e justifique o porquê dela ter se transformado em tal a partir da classificação da ordem dos elementos sintáticos que foram reagrupados.



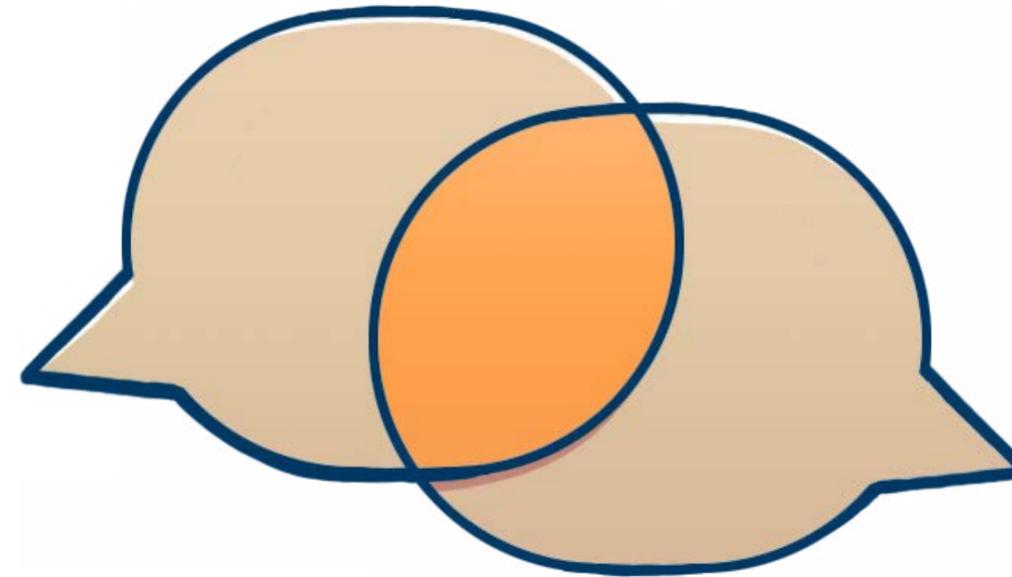
## RELAÇÃO ENTRE AS IDEIAS (organização das orações)

A sequencialização de ideias transformadas em escrita ou transpostas para a escrita implica processos sintáticos de coordenação, de justaposição, de correlação e de subordinação, isto é, para estruturar uma oração de modo que ela seja gramatical e inteligível são necessários elementos linguísticos de interligação que expressem o tipo de relação entre as ideias que foram escritas. Por conta disso, é muito importante que a coordenação e que a subordinação sintáticas de orações sejam construídas de maneira a deixar clara a relação entre ideias e pensamentos, pois assim os significados das orações (a coordenação semântica) serão resgatados pelos leitores.

As orações coordenadas encadeiam ideias por meio da justaposição de ideias (uma ideia sobre a outra; o que faz as orações serem dependentes). Para que a justaposição aconteça é necessário interligar as ideias de uma, ou mais de uma oração por meio de conectores, justamente, para dar o significado da relação que se quer expressar. As orações subordinadas enlaçam ideias através da correlação de ideias (uma ideia complementa outra; o que faz as orações serem independentes). Coordenadas = aditivas; alternativas; adversativas; explicativas; conclusivas. Subordinadas = substantivas (com valor de substantivo); adjetivas (com valor de adjetivo); adverbiais (com valor de advérbio); concessivas (valor de contraste); temporais (valor de tempo simultâneo, anterior, posterior); finais (com valor de consequência desejada); condicionais (com valor de suposição); consecutivas (com valor de efeito em relação à oração anterior); conformativas (com valor de conformidade com algo); proporcionais (com valor de proporção); comparativas (com valor de comparação).

**Ex:** *Penso e existo.*

**Ex:** *Quando ele era criança, dizia mais verdades. Agora que ele é adulto, diz menos verdades.*



 **Tente criar uma oração coordenada conclusiva para a oração do primeiro exemplo e tente criar uma oração subordinada proporcional para as duas orações do segundo exemplo.**

# PROGRESSÃO TEXTUAL

(unidade, coesão e coerência, parágrafo)



O parágrafo é uma unidade de composição constituído por uma ou mais orações (dependentes ou independentes), em que se deve desenvolver dada ideia central ou nuclear que sejam agregadas às outras ideias principais e secundárias dos outros parágrafos de um texto. Assim, todas as ideias propostas e expostas em um texto devem estar relacionadas umas às outras por um sentido global que é o do próprio texto. Para um parágrafo bem escrito é necessário que ele tenha unidade, coesão e coerência, de modo a se formar o que chamamos de progressão textual.

A unidade de um parágrafo é dada pelo tópico frasal (o núcleo, ou ideia, ou assunto principal do parágrafo) estruturado em consonância com os demais tópicos frasais de dado texto, a fim de que se inter-relacionem buscando a coesão e a coerência (interna; entre parágrafos e ideias de parágrafos, entre orações e ideias de orações que formam os parágrafos). Um parágrafo padrão deve ser dividido em: introdução ou tópico frasal (exposição sucinta da ideia núcleo do parágrafo); desenvolvimento (explanação mais complexa do tópico frasal) e conclusão (justificativa do tópico frasal). Assim, em um parágrafo padrão temos pelo menos três orações (uma que generaliza o assunto, outra que especifica o assunto e a última que conclui o assunto). A coerência é a relação entre a ideia predominante e as ideias secundárias de um parágrafo (e das entre os parágrafos). Já a coesão diz respeito a mecanismos linguísticos (referenciação, substituições lexicais, conectores, correlação de verbos etc.) que garantam a relação lógica entre a ideia predominante e as ideias secundárias de um parágrafo (e das entre os parágrafos). Coerência (plano de ordenação de ideias) e coesão (plano de ordenação da língua).

**Ex:** “*Não há sofrimento mais confrangente que o da privação da justiça.*” (Rui Barbosa).

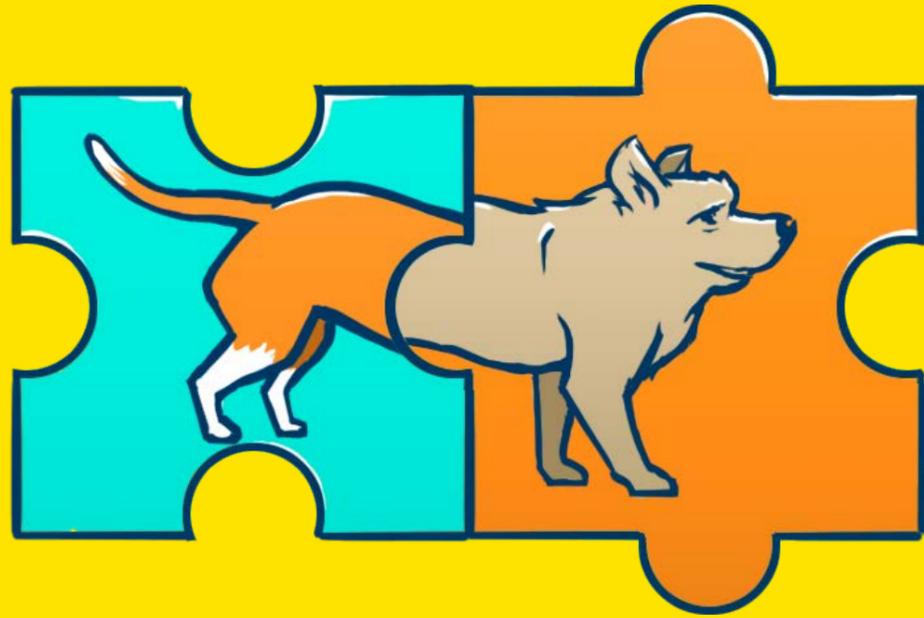
 *Tente construir duas ideias secundárias (de desenvolvimento e de conclusão) a partir do tópico frasal apresentado na oração do exemplo. Não esqueça de utilizar a coerência e a coesão no plano da ordenação de ideias e no plano da ordenação da língua, de maneira a garantir a progressão textual.*

## PARALELISMO SINTÁTICO E PARALELISMO SEMÂNTICO

Entende-se como paralelismo ideias similares que devem corresponder a formas verbais (sintáticas e semânticas) também similares. O paralelismo sintático e o paralelismo semântico são simetrias de construção oracional que buscam evitar a não coerência sintática e a não coerência semântica das orações. O paralelismo sintático diz respeito ao uso da mesma estrutura sintática na composição de uma oração, sem a perda dos elementos gramaticais semelhantes que a ordenam. O paralelismo semântico diz respeito ao uso de ideias conexas a partir da escolha de elementos semânticos conexas. O não uso de paralelismo sintático e de paralelismo semântico configura-se como incongruência do ponto de vista do raciocínio e do ponto de vista da língua, uma vez que deixa de correlacionar elementos da sintaxe e elementos da semântica na expressão de uma ideia ou de um pensamento.

**Ex:** *A energia nuclear não somente se aplica à produção da bomba atômica, ou para fins militares.*

**Ex:** *Fulano é cordial e alfaiate.*



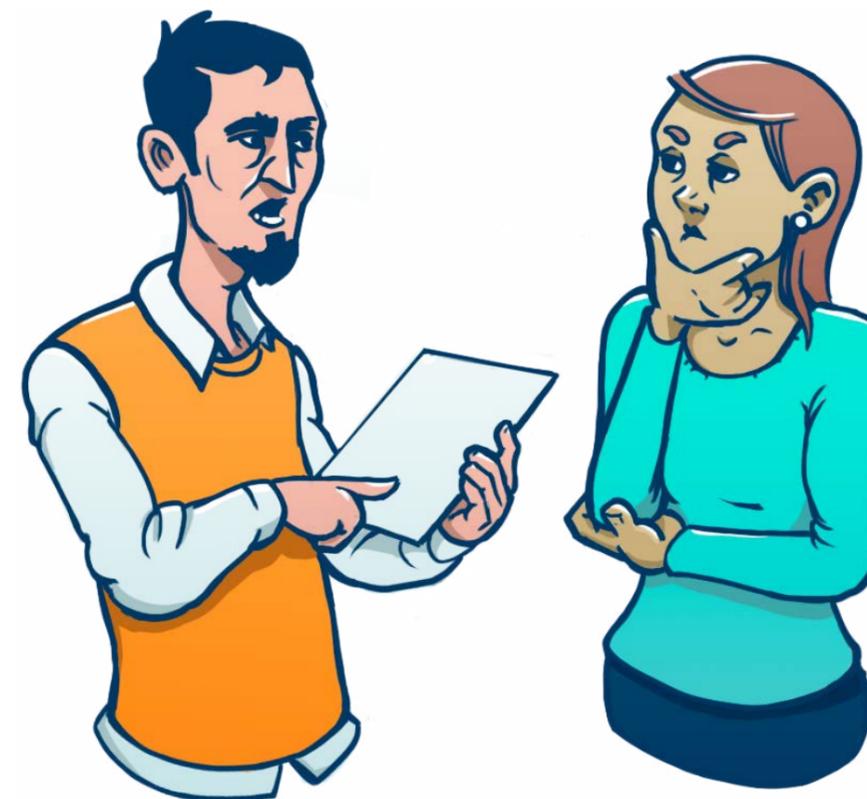
 Tente identificar a falta de paralelismo sintático na primeira oração dos exemplos e tente identificar a falta de paralelismo semântica na segunda oração. Justifique sua resposta.

# Argumentação

Na argumentação expressamos o que sabemos, ou o que acreditamos saber sobre determinado assunto, ou seja, externamos nossas opiniões acerca de algo. Na argumentação, sobretudo, procuramos formar a opinião do nosso leitor ou do nosso ouvinte a partir da nossa opinião. Formar a opinião na argumentação é tentar convencer nosso leitor/ouvinte de que a razão está conosco, de que estamos sob a posse da verdade (não há argumentação sem propósitos de angariar adeptos). A argumentação, então, baseia-se em princípios de lógica que são construídos para advogar ideias, ou posicionamentos.

Os dois elementos principais da argumentação são: raciocínio consistente e evidência de provas. Para que se estabeleça um raciocínio lógico argumentativo é preciso: a) propor (declarar a opinião, ou a tese); b) concordar e/ou contestar (provar a validade, ou não da tese); e c) concluir (validar a tese e seu desenvolvimento a partir de uma ideia conclusiva gerada pela inter-relação entre propor e concordar/contestar). Para que se estabeleça evidência de provas é preciso considerar critérios de verdade, os quais são: a) fatos (evidências socioculturais); b) exemplos (fatos representativos de uma situação x); c) ilustrações (descrição hipotética e/ou descrição real de exemplos); d) dados estatísticos (fatos específicos de pesquisa); e e) testemunho (fontes de terceiros ou fatos vivenciados por quem está argumentando). A argumentação é muito importante para a escrita de um texto, na medida em que ela sintetiza a consistência do que está sendo enunciado (dito, escrito) e comprova a consistência teórico-conceitual e prática daquele que enuncia (diz, escreve). Para poder argumentar, também, é crucial que aquele que escreve leve em consideração o teor concessivo de certas afirmações, ou seja, a feição verbal modalizadora (como índices de imparcialidade ou de indeterminação diante do que não se sabe por completo), como, por exemplo: “É possível que...”, “Em partes...”, em vez de “É certo que”.

**Ex:** *Bandido bom é bandido morto.*



 *Tente utilizar tal proposição (tese) apresentada na oração do exemplo para construir uma sequência argumentativa, logo, prove sua validade ou não, e, em seguida, conclua o raciocínio. Utilize evidências de prova para comprovar sua argumentação.*

# PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DE IDEIAS NA ESCRITA (descrição, narração, dissertação)

Desenvolver ideias na escrita tem como antecedente um planejamento de ideias para a escrita. Então, como organizar ideias do pensamento na escrita a ponto de que elas se tornem verdade? A fonte principal das nossas ideias é a experiência (mental e física). Vivendo adquirimos experiência e com ela aprendemos. Aprendemos, sobremaneira, através da observação e da reflexão sobre nossas experiências. Convivendo em sociedade, aprendemos, através da interação dialogal com outros sujeitos e com as perguntas.

O ato de perguntar é uma espécie de planejamento da escrita, seja ele a si ou aos outros. Perguntando a nós mesmos e aos outros e anotando as perguntas e as respostas coletamos dados (fatos). Mas todos fatos resumem-se a dados empíricos de si e dos outros? Não, a leitura, ou a pesquisa bibliográfica é outra fonte de ideias. Procurar por obras de referência, tomar notas depois das leituras delas, fazer fichamentos de leitura; tudo isso nos conduz ao planejamento de ideias para o desenvolvimento da escrita. Mas como colocar a experiência e a leitura como plano de escrita? Diante da página em branco, pode-se criar um plano padrão (pautado em perguntas e em respostas possíveis), formatado em esquemas sobre as ideias da experiência e da leitura, os quais dependerão do estilo de composição do texto que se escreverá.

Os três tipos de composição textual são a descrição, a narração e a dissertação. Para entender o que é a descrição, pense em uma lista de ideias que determinam certos aspectos dentro de grupos de classificação e de delimitação (a ideia de cidade traz consigo os elementos: o bairro, a rua, o colégio, cursos que o colégio oferece etc.). Assim, na descrição coordenamos gradações de uma ideia geral de modo a particularizar ideias subordinadas a ela. A narração

organiza, de certo modo, a descrição, pois há naquela uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão descritiva de fatos, de espaços, de pessoas, de tempos, em suma, do que acontece em determinada situação. A introdução de uma narração varia de acordo com a natureza do assunto abordado e apresenta uma ideia diretriz (informar ao leitor o que será narrado, discutido, descrito). O desenvolvimento de uma narração constitui a intriga, o enredo (é a parte em que a ideia principal do texto é apresentada ao leitor por meio de fatos ou acontecimentos que indiquem espaço, tempo, personagens, causas e circunstâncias).

A conclusão de uma narração é uma apreciação sucinta, um comentário pessoal e generalizador do autor (é a parte em que a expectativa do leitor, que foi consolidada no desenvolvimento, é desfeita pela solução do problema central-clímax do que é contado). Para compreendermos a dissertação e seus elementos principais, é preciso elencarmos as partes que constituem esse tipo textual. As partes de uma dissertação são: introdução (apresenta a ideia núcleo ou a tese acerca de determinado assunto), desenvolvimento (apresenta as ideias secundárias à ideia núcleo, a fim de defender essa por meio de argumentos) e conclusão (apresenta a replicação sintética da tese e da sua defesa de maneira a generalizá-las sob a forma de um tópico frasal). Cabe lembrar que a dissertação utiliza a argumentação como exposição e como explanação de ideias de um autor, as quais procuram formar a opinião do leitor através da evidência de fatos ou pelas provas que aquele vai fundamentando em suas declarações.



Tente elaborar um plano padrão, a partir de uma pergunta possível e de uma resposta possível, em forma de esquema para a seguinte afirmação: **A leitura de histórias em quadrinhos é prejudicial à formação do caráter dos jovens.**

Pergunta possível:

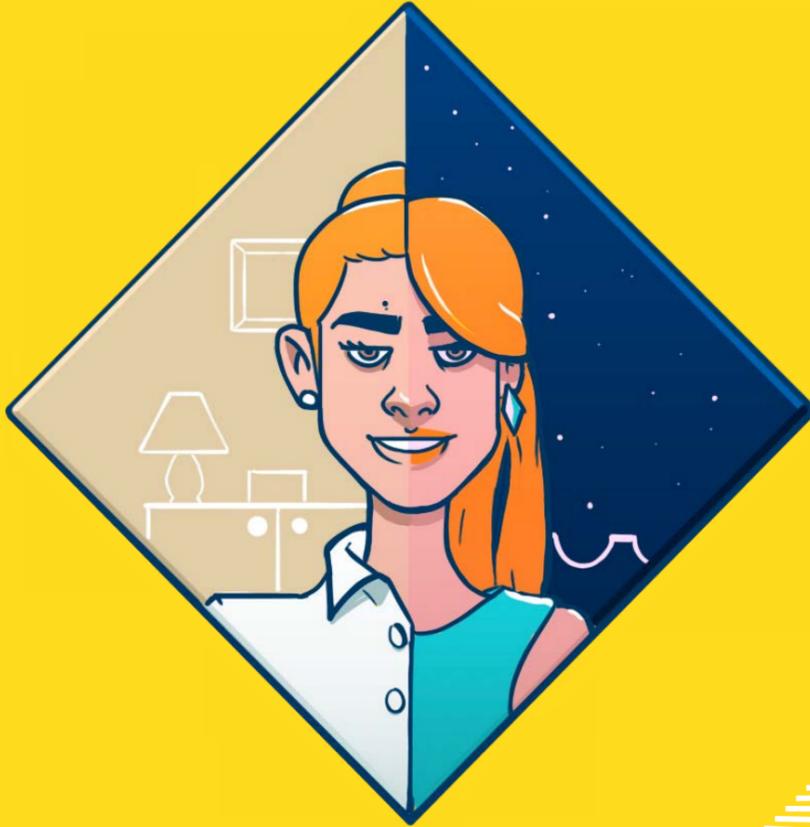
Resposta possível:

Plano padrão-esquema:

Tente elaborar uma gradação descritiva a partir da ideia “os professores”.

Tente elaborar uma narração (com os seus elementos estruturais) sobre “o nome da escola em que você cursou o pré-escolar”.

Tente elaborar uma dissertação (com os seus elementos estruturais) defendendo seu ponto de vista acerca da temática desmembrada do plano padrão (pergunta possível e resposta possível) que você fez no primeiro exercício desse item.



## ADEQUAÇÃO AO GÊNERO discursivo e normas da ABNT

Denominamos como gêneros discursivos toda materialidade verbal e não verbal elaborada por um “eu” e destinada para um “tu”, que apresentam: estrutura e temática, relativamente, estáveis, processos de criação dependentes de contextos de produção e processos de compreensão dependentes de contextos de recepção. Esse conceito é de Mikhail Bakhtin (teórico russo) e norteia-se pela premissa de que comunidades de prática humana criam discursos de acordo com suas especificidades, ou seja, toda discursivização é dependente de contextos (sociais, históricos, culturais, psicológicos, identitários, em suma). Dessa maneira, ao elaborar um discurso (escrita, fala; verbal, verbovisual, visual), o “eu” autor está para sua comunidade de prática humana quando coloca-se na linguagem. Um gênero discursivo, então, atende às necessidades e demandas de um “eu” em seu papel sociocultural e, ao projetá-lo aos leitores, esses devem resgatar não apenas a linguagem desse “eu”, mas, sobretudo, quem é esse “eu” dentro da comunidade de prática humana da qual faz parte, afinal, a maneira como ele utiliza a língua está para quem ele é e para quem ele representa.

Assim, uma cantora de funk, ao escrever uma letra de funk e cantá-la não somente para a sua comunidade de prática, corre o risco de ter sua linguagem não compreendida por um professor doutor, caso esse não tenha conhecimento da esfera de prática humana a que tal cantora pertence. Não conhecer um gênero discursivo, portanto, é não conhecer a linguagem específica de uma identidade humana dentro de uma comunidade de prática humana e, em consequência, é não conhecer uma parte da esfera humana. Os gêneros discursivos somente o são porque circulam socialmente como prática social, ou seja, somente o são se tiverem função dentro da sociedade (o gênero discursivo dissertação, por exemplo, é esvaziado enquanto prática social, em um exame vestibular, já que a sua função não está para a circulação social, mas apenas para a leitura de um avaliador com pretensão à aprovação ou não em dado cur-

so de graduação de determinada universidade). Podemos afirmar, então, que, ao escrever um material (livro, caderno didático e afins) como professor-autor, é necessário pensar no gênero discursivo que ele o é, de modo a compô-lo segundo a estrutura e a temática estáveis. Geralmente, um livro didático, um caderno didático e afins são gêneros discursivos que possuem conteúdo pedagógico como temática e que possuem conteúdo teórico-conceitual, metodológico e prático como estrutura.

O professor-autor, então, atentando para essa temática e para essa estrutura de gênero discursivo, deve escrever o seu material utilizando linguagem e processo de organização textual pertencente ao mesmo: a) uso de teorias, de conceitos e de metodologias embasadoras do assunto da área científica; b) uso de linguagem e de estrutura que tragam as questões centrais do conteúdo por meio de formação e de instrução e não apenas de informação (uma linguagem problematizadora em uma estrutura formada por perguntas norteadoras, as quais emularão uma interação dialógica com o leitor). Se pensarmos nesses materiais produzidos por professores-autores como inseridos dentro do gênero discursivo científico-didático, é muito importante que todo conteúdo apresentado seja referenciado por teorias e por autores embasadores, e, como tal, o domínio de normas da ABNT faz parte do domínio do gênero em questão. Ao escrever seu material, então, leve em conta as normas da ABNT para as citações no corpo do texto e nas referências bibliográficas.

 **Tente explicar o conceito de língua para Ferdinand Saussure de uma maneira que você considere didática, expressando o seu uso linguístico enquanto sujeito sociocultural que é, também, ser professor.**

# REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BAKHTIN, Mikail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna**: Aprenda a escrever, aprendendo a pensar. SP: Editora FGV, 1988.